



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA



A FORMAÇÃO DA PEDAGOGA

UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA



JÉSSICA THAIS FERREIRA TELES

JUIZ DE FORA
2022.3

DEDICATÓRIA

Dedico este texto, que é parte de mim, àqueles que também são.

A todos pelos quais passei, aos que por mim passaram e a tudo que me preparou para o que há de vir.

Aos meus pais, a minha mãe por me apresentar às artes possíveis e acessíveis com as mãos e ao meu pai por me apresentar às artes possíveis e acessíveis com as palavras. À minha irmã Joyce, pelos constantes incentivo e presença. Ao Bruno, meu sempre companheiro. À Olga, minha orientadora, junto a seu aporte, tanto teórico quanto artístico. Às amigas com quem pude dividir as aprendizagens. Aos meus demais preceptores da Pedagogia na Faculdade de Educação da UFJF.

Para Atena e para Astrid. E ao meu filho, Nicolas, que grandiosamente inspirou e influenciou todo este trabalho.



Com carinho, estudo e coragem,

 *Jéssica Teles*



SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	2
RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
JUSTIFICATIVA	6
O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA	8
O CAMINHO DO MEIO: ENTRE O CONHECIMENTO ACADÊMICO E A PRÁTICA ESCOLAR	10
TORNAR-SE	12
HISTÓRIA DE VIDA	14
1. ARTE FEITA À MÃO DESDE 1991	15
2. MANUAL DE SEGURANÇA DO TRABALHO DE UMA PROFESSORA	17
3. UM ATELIÊ MÓVEL	19
4. PROPÓSITO	22
5. CAMINHOS E SONHOS ENTRELAÇADOS	23
6. ARTE E CRIATIVIDADE: OS FIOS QUE ME PERMITEM TECER	25
7. MÃE E PEDAGOGA	27
POR FIM, PEDAGOGA! MAS NÃO HÁ GARANTIAS...	29
CRÉDITOS DE IMAGENS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32



A FORMAÇÃO DA PEDAGOGA: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

RESUMO

O presente trabalho aborda a formação em Pedagogia com o uso do método (auto)biográfico como instrumento de pesquisa, resgatando memórias e analisando capítulos marcantes que formaram, dentro e fora da universidade, uma pedagoga. Ancoramos o referencial teórico em Nóvoa e Finger (2014), Freire (1996) e Ostetto (2018).

Palavras-chave: Formação, Pedagogia, Maternidade, Arte.



INTRODUÇÃO

Uma constante questão sobre a docência é a formação de professores: como se dá essa formação, como é organizada, o que abrange ou não, o que é passível de ser ensinado ou não. Para além das indagações curriculares há ainda comportamentos, atitudes, pensamentos e sentimentos que são inerentes às Ciências Humanas e influenciam tanto a formação quanto a atuação destes profissionais.

Formar professores que serão formadores não é um processo simples, tampouco pode ser automatizado e padronizado, ainda que seja esta a demanda do mercado e, conseqüentemente, da sociedade, afinal, atuamos com seres humanos, com suas particularidades, necessidades e diversidades. Para conviver, construir conhecimento com o outro é indispensável que sejamos capazes de lidar conosco, conhecendo-nos, tomando ciência de quem somos e de como nos formamos. Não estamos abertos a conhecer e compreender o outro quando ainda não nos conhecemos e compreendemos.

Assim, este trabalho sintetiza um mergulho nas memórias, uma visita às experiências, uma releitura dos conceitos próprios que foram construídos e elaborados durante muitos anos e também durante a graduação em Pedagogia. A partir da ideia da Pedagogia como uma Ciência Humana, que considera o ser humano e suas relações, busca-se compreender o processo de formação de uma pedagoga para além do currículo cumprido, com um olhar subjetivo para suas questões de vida, sua história e seus estudos.

É através da narrativa autobiográfica que resgata as memórias e as coloca sob a perspectiva da formação, relacionando conhecimentos prévios às influências externas ao conhecimento teórico-prático, culminando em como reverberar essa linha de trabalho em sala de aula.

Este trabalho mescla a escrita a desenho, colagem, fotos e cores. Em suma, apresenta-se uma **experiência de narrativa autobiográfica visual**. Os elementos utilizados para a criação das imagens são de autoria própria ou foram extraídos do Canva.com e estão devidamente identificados e creditados ao fim do trabalho, bem como as fotografias dos autores citados. O trabalho é ilustrado para a expressão artística e com a pretensão de surpreender o leitor com os atravessamentos visuais em consonância com a leitura. Assim, as imagens são ancoradas nos textos, mas não estão legendadas, permitindo amplas leituras visuais.

JUSTIFICATIVA

O ato de formar-se, envolve a dinâmica da heteroformação, aquela proporcionada pelos professores e outros envolvidos nesse processo; da ecoformação, oportunizada pelos ambientes em que vivenciamos experiências e conhecemos a prática das teorias estudadas; e a autoformação, o próprio esforço, interesse, ação de aprender, compreender, significar e conhecer.

Em consonância com a contribuição de Marie-Christine Josso para a obra de Nóvoa e Finger (2014, p. 24),



Marie-Christine Josso

A formação dos formadores tem sido um dos domínios privilegiados de aplicação do método biográfico. O motivo parece óbvio: dificilmente podemos pretender interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação.

Intencionando compreender a formação de uma Pedagoga, a partir da minha própria experiência e vivência, desenvolvo este trabalho investigativo e de releitura dos acontecimentos que corroboram a Pedagoga que hoje elabora este trabalho de conclusão de curso.



António Nóvoa

Mattias Finger

A formação depende do que cada um faz com o que os outros quiseram, ou não quiseram, fazer dele. Numa palavra, a formação corresponde ao processo global de autonomização, no decurso do qual a forma que damos à nossa vida se assemelha - se é preciso utilizar um conceito - ao que alguns chamam de identidade. (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 90).

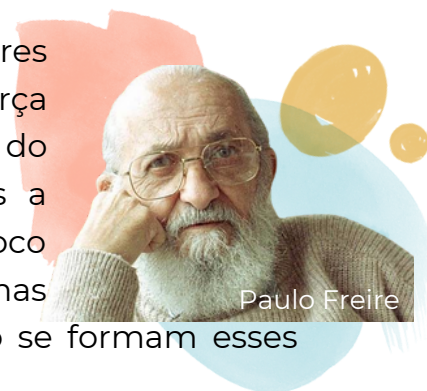
Essa investigação se dá pelo método (auto)biográfico, considerando a grande valia dessa metodologia para as pesquisas em Educação ao gerar como resultado, informações que foram pensadas, revisitadas e ressignificadas. Assim, refletindo a realidade, nas experiências e vivências dos (auto)biografados. Isto é,

O método biográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 22).

Augusto Comte escreveu que "em geral, só observamos bem quando nos colocamos de fora", mas como futura educadora, e cotidianamente mãe,

discordo, e questiono o quão possível é distanciar-se para observar o desenvolvimento infantil que é, por nós, estimulado, incentivado, propiciado. Seja em sala de aula - nas experiências de estágio - seja nas brincadeiras com meu filho Nicolas, diariamente me observo por vezes à parte, por outras sendo parte deste processo.

Resgatando em Paulo Freire (1996) importantes saberes para a prática educativa, temos a curiosidade como força motriz que coloca os sujeitos em movimento, na direção do conhecimento. Não faltam estudos, pesquisas e análises a respeito do currículo da Pedagogia, mas não é esse o foco deste trabalho. Conhecemos a matriz da graduação, mas muitas vezes desconhecemos e/ou não valorizamos, como se formam esses pedagogos e pedagogas em seus múltiplos aspectos.



O autor considera que o papel do educador é desempenhado pela sua fala, pela comunicação e que, ainda que suas palavras sejam adequadas, seu exemplo será ainda mais forte e crível aos educandos. Tais elementos necessários à formação de um educador não são acessíveis em conteúdos teóricos, pois refletem o pessoal, as vivências, as experiências. Considerando que Freire (1996) ainda reforça a formação integral dos sujeitos como foco principal em sua obra, neste trabalho busca-se compreender a formação integral de uma Pedagoga através da pesquisa autobiográfica. Refletir e reconhecer os próprios valores em que pode ser exemplo para seus alunos, ciente de sua identidade cultural que será parte de sua atuação.

Ostetto (2018) resgata a memória de quando autorizou-se a ir à ópera e a importância daquele ato. Autorizo-me, permito-me amar a arte e assumir isto ao mundo, sem vergonha, sem medo de decepcionar. Transbordando-me tanto que autorizo-me a escrever academicamente sobre, dando à arte a importância que ela sempre teve para mim (mesmo que às escondidas). À luz de Ostetto (2018), traduzo em uma narrativa autobiográfica como cheguei à conclusão desta graduação: mulher, mãe, educadora, artista e pedagoga.

Encontrei, descobri e escolhi a narrativa autobiográfica, o método (auto)biográfico, para descrever o processo de formar-me pedagoga, tanto a partir da formação acadêmica quanto das perspectivas e saberes construídos pelos estudos e vivências do curso e dos percursos da vida.



O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O método biográfico ou autobiográfico surgiu no final do século XIX, na Alemanha, como alternativa à Sociologia Positiva. Entretanto, a valorização do pensamento científico permanece, e esta metodologia é muitas vezes desconsiderada por pesquisadores, por não gerar dados categorizados, por exemplo. Aplicado inicialmente na Escola de Chicago, nos anos 1920, o método biográfico atende às particularidades das Ciências Humanas que têm um objeto de estudo **inexato e irreplicável: o ser humano**.

A pesquisa (auto)biográfica analisa as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 6).

A subjetividade, um elemento diferencial e inerente dessa metodologia de pesquisa, acrescenta aos acontecimentos históricos e sociais, a visão e a leitura de mundo dos indivíduos que o fazem. E, a partir dessas particularidades, é possível compreender o todo de maneira mais ampla, abrangente e humana. O ato de biografar ou autobiografar, proporciona protagonismo aos sujeitos, colocando-os em evidência e valorizando seus processos, seus caminhos e percursos. Ou seja,

O método biográfico apresenta-se, logo à partida, como uma aposta científica que pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento. Uma biografia é subjetiva a vários níveis. Lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Baseia-se em elementos e materiais na maioria dos casos autobiográficos e, portanto, exposto às inúmeras deformações de um sujeito-objeto que se observa e se reencontra (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 32-33).

Na área da Educação, este método inclui a contribuição das pessoas no processo de ensino-aprendizagem, sejam professores ou alunos. Ampliando assim, os horizontes para além de resultados quantitativos, que medem o desenvolvimento e/ou conhecimento mensurando-os. Permite conhecer os processos que essas pessoas desenvolveram e como conheciam, desconstruíram, reorganizaram e construíram o saber.

As ciências da educação compreenderam de modo algo intuitivo a importância do método biográfico, que se veio a revelar não apenas um instrumento de investigação mas também (e sobretudo) um instrumento de formação (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 21).

Cabe ressaltar, que não se trata apenas da escrita de uma autobiografia, uma autodefinição, **aborda-se um procedimento**, uma metodologia de pesquisa. Ou seja, há passos a serem feitos e refeitos pelos pesquisadores com os sujeitos do estudo, dinâmica essa que fornecerá as informações para a elaboração dessa narrativa.

Não é a simples e pura ação de biografar ou autobiografar-se, como uma proposta de redação para docentes. Essa sistematização envolve etapas de reflexão, como Marie Christine Josso explica, "é o fruto de um processo de reflexão que só parcialmente aparece numa narrativa escrita a meio caminho do percurso seguido". (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 60).

O CAMINHO DO MEIO: ENTRE O CONHECIMENTO ACADÊMICO E A PRÁTICA ESCOLAR

O sociólogo italiano Franco Ferrarotti, introduz sua contribuição à obra de Nóvoa e Finger (2014) com a seguinte observação,



Franco Ferrarotti

A minha intenção, ou antes, a minha esperança, era encontrar, por meio dessas pesquisas, uma solução positiva para as insuficiências das investigações sociológicas feitas com a ajuda de questionários estruturados rigidamente. Há muito tempo tinha a impressão de que essas investigações, se bem que rigorosas do ponto de vista metodológico-formal, consideravam geralmente resolvidos problemas que sequer tinham sido abordados (NÓVOA, FINGER, 2014, p. 29).

Se considerarmos as pesquisas em Educação, podemos refletir, a partir do comentário de Ferrarotti, o quanto as metodologias formais e científicas, o conhecimento produzido no ambiente acadêmico, teorizam sobre a Educação e, porque tais conhecimentos teóricos, ainda que disseminados durante a graduação não chegam a ser aplicados em sala de aula.

É notória, comentada e quase palpável, a distância entre a pesquisa acadêmica e a prática escolar. Entretanto, ambos os espaços reiteram em seus discursos a importância da práxis pedagógica, ou seja, teoria e prática em dinâmica, em movimento, unidas.

Ferrarotti, em seu texto da obra de Nóvoa e Finger (2014), ilustra a possibilidade de o método biográfico aproximar os estudos técnicos produzidos na universidade dos profissionais da educação. Como supracitado, através da biografia ou autobiografia compreende-se os processos desses sujeitos e valoriza-se o percurso trilhado. Isto é, uma metodologia que pode aproximar a teoria produzida na universidade daqueles que a praticam no cotidiano escolar a partir da escuta e valorização de suas histórias de vida e formação.

Convidar professores e professoras a conhecer a si mesmos, revisitar suas trajetórias e identificar nelas seus principais pontos formativos, de acordo com o fim pretendido, é dar a estes profissionais o protagonismo necessário para que o conhecimento possa ser ressignificado, aplicado e/ou ampliado na sala de aula. Elaborar o conhecimento sobre os professores e professoras e aplicar essas informações às pesquisas acadêmicas atende à necessidade de adaptação do discurso acadêmico a sua audiência. Para além, exime da proximidade, da parcialidade que é negativa a outros métodos de pesquisa.

Há, ainda, de se considerar a presença dos estudantes de graduação em Pedagogia e nas demais licenciaturas na universidade e na escola. Em contato direto com o estudo teórico, elaboração de pesquisa e produção de conhecimento acadêmico e, convívio em ambiente escolar, conhecimento das práticas pedagógicas através dos estágios. Essas vivências podem contribuir, inclusive, por serem um olhar novo sobre as diferentes perspectivas.

O método autobiográfico pode ser meio entre a universidade e a escola, aproximando os profissionais que atuam nessas instituições. Para isso, partindo da escuta, do conhecimento e do reconhecimento dos profissionais que estão em sala de aula. Saber quem são, como formaram-se, o que almejam não apenas através de questionários duros e secos, mas pela reflexão da própria formação, fornece à pesquisa acadêmica embasamento para que o conhecimento produzido, posteriormente, faça sentido para esses professores e professoras, e assim, eles e elas se apropriem dele.

Acrescentar a escuta do docente da Educação Básica, através dessa metodologia, permitindo-o autoconhecimento para exprimir-se, é benéfico às pesquisas educacionais, aos próprios profissionais que tendem a tomar consciência de si e, ainda, à formação de novos professores e professoras.

TORNAR-SE

Além dos autores já citados a partir de seus aportes na obra de Nóvoa e Finger (2014), acrescento aqui a grande inspiração para o estudo da temática e desenvolvimento deste trabalho, Luciana Ostetto.

Em seu artigo "*No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se*", Ostetto (2018) revisita sua trajetória e reflete sobre a formação de professores. Em sua autoanálise, ela se reorganiza a partir dos pontos de mudança que a levaram à formação e à atuação docente.

Através da leitura, que se tornou um deleite, pude conhecer Luciana enquanto me reconhecia ali. Compartilho com a autora o interesse na educação e na arte e me identifiquei em diversos trechos de seu relato, de seu resgate de memórias. Ainda que ao visualizar que à minha frente havia vinte e seis páginas contando uma história, me fez questionar se eu conseguiria escrever, ao menos dez páginas, a meu respeito. Já adianto que sim, eu consegui.

O desenrolar de seu novelo de memórias estabelece uma relação entre o método autobiográfico, ou a narrativa autobiográfica citada por Ostetto (2018), com a formação de professores, visto que a construção, a composição daqueles e daquelas que serão formadores envolve sua trajetória prévia, portanto, inclui e deve valorizar, considerar sua visão de mundo. Afinal, no exercício da docência o indivíduo não é capaz de compartimentar-se por completo, ou seja, há muito de nós nas nossas práticas pedagógicas. E justamente, essa personalidade dos indivíduos, que é dinamicamente capaz de influenciar e ser influenciada, não está no centro dos debates e pesquisas sobre a formação de professores, sobre o que a graduação em Pedagogia abarca ou não.

Considerando que a Educação acontece na relação entre pares - adulto-criança, com o ambiente e consigo mesmo -, para uma educação integral é preciso perpassar por espaços emocionais e sociais, além dos conteúdos curriculares. Para educar, nesse sentido, é preciso considerar-se nesses espaços, é fundamental que o docente desenvolva suas habilidades socioemocionais para lidar consigo e com o outro e, ainda colaborar com esse desenvolvimento por parte de seus educandos.

Compreender a própria relação com a educação, com o social, com o emocional, com o afeto é, portanto, tão essencial à formação de professores quanto itens teóricos da grade curricular da graduação. Conhecer-se, considerar, exaltar e respeitar a própria história, e reconhecer quais são os valores que leva consigo, é formador para a vida e para a docência.

Ostetto (2018) fala sobre a "chama que acende o pavio" e, dali em diante, eu quis conhecer as chamas que acenderam e mantiveram seu pavio incandescente no percurso como arte educadora e formadora de professores e, para tanto, lançar-me na descoberta de quais são as chamas que acendem o meu próprio pavio.



HISTÓRIA DE VIDA



“O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar.

Portanto, ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Hoje, que espaço o meu passado deixa para minha liberdade hoje?

Não sou escrava dele.

O que eu sempre quis foi comunicar unicamente da maneira mais direta o sabor da minha vida.”



Simone de Beauvoir



1. ARTE FEITA À MÃO DESDE 1991

A terceira criança, a primeira filha depois de dois meninos e um intervalo de seis anos. Nasci e ganhei dos meus irmãos um nome composto, Jéssica Thais, para que ambos pudessem escolher e minha mãe justifica que Thais Jéssica não ficava bom.

Não me lembro quando comecei a amar a arte, tenho para mim que sempre amei. Ainda bem que há arte em diversas formas e lugares, porque eu não ia a museus e não precisava disso para me encantar. Sempre fui curiosa e sempre quis saber um pouco de tudo, conhecer, entender. Como se eu fosse precisar daquele conhecimento ali, ainda que só uma noção, em algum momento, talvez para responder uma pergunta de um milhão de reais.

Ainda hoje é assim, e não é incomum "dar um *Google*" para saber mais sobre um autor citado em uma série ou sobre um adesivo que vi por aí. E enquanto a arte era isso, uma curiosidade, ocupando um espaço, um tempo vago, estava tudo bem e me foi permitido e facilitado o aprofundamento no que era acessível: os trabalhos manuais.

Na minha cidade natal, Conselheiro Lafaiete, não havia muitas coisas "artísticas" a se fazer, ainda mais pelas quais eu pudesse pagar. Fiz aulas de pintura em tela, pintura em tecido, pintura em gesso, tricô, vagonite, ponto cruz, biscuit, miçangas, bijuterias; quase sempre gratuitamente, em ambientes que buscavam ensinar o artesanato como um ofício, uma complementação de renda para mulheres. Era comum que eu fosse a única adolescente em uma aula de mães que buscavam complementar a renda e senhoras que queriam ocupar o tempo livre.

Além dos trabalhos manuais, a música é uma companheira fiel e sempre presente, ainda que eu não tenha o mínimo talento para produzi-la.

Expresso-me através da escrita, escrevo desde a infância. Não foram poucas as noites em que fui reprimida por escrever madrugada adentro apenas com a iluminação da TV. Somam-se os cadernos e mais cadernos escritos como diários em caixas, junto às fotos e outras memórias, para que algum dia, alguém os leia.

Não escrevo com a pretensão de reler, de registrar cada detalhe, mas para organizar a mente, os pensamentos voltar ao prumo e me fortalecer comigo mesma, me conhecer e me reconhecer. Na adolescência, com a ascensão e popularização da internet e dos *blogs*, eu tive os meus e sempre os alimentei com muitos textos, histórias, crônicas, poemas e outros projetos. Ou seja, tive momentos de escrita pública. Sempre foi a escrita que me guiou no virtual, no digital. Atuei profissionalmente como redatora publicitária e ter escrito profissionalmente sempre será um grande orgulho meu.

Tive a oportunidade de estudar em escola particular e, diferente da maioria dos meus amigos, tive aulas de literatura desde cedo. Conheci não só Dom Casmurro, mas Machado de Assis e o contexto socioeconômico da obra. Mas não foram os clássicos de leitura obrigatória que me fizeram leitora, foram os romances juvenis. No ensino médio, descobri a arte literária e me descobri uma apaixonada por histórias de vida.

A arte estava presente de uma forma leve, que me divertia, como um caminho para que eu me expressasse, como uma companhia nos momentos vagos entre estudos e obrigações. Até aqui, creio ser notável que não cresci em família rica, então a arte era isso: algo distante e fútil, porque não era útil para ganhar a vida. E nós nascemos precisando ganhar a vida.



2. MANUAL DE SEGURANÇA DO TRABALHO DE UMA PROFESSORA

Trabalho desde os dezoito anos, principalmente pela necessidade. E na mesma medida, eu também sempre quis mais, então eu nunca parei.

Comecei como recepcionista em clube, era um bom emprego, mas eu queria mais, então fiz um curso técnico em Segurança do Trabalho, estagiei e fui contratada por uma empresa de grande porte na área de Mineração. Era um ótimo trabalho, para muita gente, e eu era a pessoa mais nova a ocupar o cargo ali. Era instigador, principalmente porque é um cargo de liderança, nessa função, participava de importantes decisões junto à equipe em que atuava.

Meu irmão trabalhava na mesma empresa, na manutenção dos equipamentos de mina e, uma manhã ele chegou em casa chorando por ter perdido um colega de trabalho, um amigo, no turno da madrugada em um acidente de trabalho. Eu vi a dor da perda de uma pessoa querida em um acidente de trabalho, senti ali a responsabilidade da minha função e trabalhei para que as pessoas pudessem trabalhar com mais segurança e regressar para casa ao fim do expediente.

Surgiu a necessidade de atualização dos treinamentos em Segurança do Trabalho, e eram muitos treinamentos devido ao grau de risco 4 (o mais elevado) das atividades mineradoras. Fui designada junto a um grupo para participar de um Curso Formador de Instrutores. Tive destaque e assim, junto a um colega assumi a reformulação dos treinamentos introdutório (com duração de três dias para todas as pessoas que entram na empresa) e específicos (baseados em procedimentos em elétrica, mecânica, manutenção, operação etc).

O treinamento introdutório era um grande desafio devido a sua longa duração, e pela demanda de ministrar um conteúdo em turmas que incluíam desde o servente de pedreiro até gerentes-gerais da empresa. Todos juntos, em uma mesma sala, de 8h às 17h, por três dias. Foi nessa função que me dediquei e desenvolvi técnicas de oratória, aprendi a produzir apresentações mais atraentes, compreendi o quão essencial é a contextualização da informação e a busca pelo conhecimento prévio. Precisei me desenvolver para abordar os mesmos assuntos todas as semanas e de forma a manter o interesse dos participantes.

Eu estava sempre em treinamento, ou preparando um treinamento, atualizando uma apresentação, adicionando um vídeo, corrigindo provas, era uma Técnica em Segurança do Trabalho educativa. E, desde o início nessa tarefa, tive o retorno positivo daqueles que participavam: eram treinamentos mais interessantes, eles eram ouvidos e sentiam que aprendiam coisas novas.

Lembrava da formação de Instrutores em que falaram sobre Andragogia, a educação de adultos, e comecei a considerar que, talvez, esse fosse o meu caminho. Afinal, ainda era bem difícil, eu gostava dessa instigação e sentia que eu precisava de mais conhecimento para continuar melhorando.

A essa altura, eu já tinha cursado um ano de Engenharia de Produção, planejando uma pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho (porque era pouquíssima a oferta dessa graduação). Porém, nesse processo, eu sabia que não era isso que eu queria. Eu queria uma graduação. Mas não havia uma graduação para atuar na educação de adultos, então eu optei Pedagogia.

Eu não entrei na Pedagogia por "gostar de crianças", mas por gostar da Educação, por ser o caminho mais assertivo para educar naquelas "salas de aula" onde eu estava inserida e com foco, até então, em jovens e adultos. Eu já acreditava na educação por mim, pela minha experiência, o conhecimento sempre me abriu portas e me levou mais longe.

Estar à frente de uma turma, ensinando e aprendendo junto, vivenciando a troca da sala de aula, o desafio de educar, as possibilidades de ser você mesmo e dar aos conteúdos e metodologias o seu jeito, seu toque... Tudo isso despertou em mim o interesse pela Pedagogia e, durante a graduação, ampliei meus horizontes para além dos jovens e adultos, para bebês e crianças. E redescobrir a arte como uma forma de trabalho, de atuação me garantiu uma paixão e um encontro profissional na educação que pode modificar e transformar pessoas e vidas.



3. UM ATELIÊ MÓVEL

Revisitando minhas memórias, percebo que em trinta anos, nunca estive em um ateliê profissional, ou em um espaço reconhecido como tal. Estive em salas, quatinhos, cantinhos, onde era feita arte, independente do resultado de suas produções.

Minha mãe vendia artesanatos, então, todas as noites, após a janta servida, ela preparava as tintas, os pincéis, os panos, os riscos e punha-se a pintar, então a cozinha se transformava em um ateliê de artesanato. E eu podia ficar ali, brincando com as tintas fechadas, quietinha, acompanhando-a criar frutas, cestas, animais, que estampavam panos de prato. Ainda que nessa época não soubesse, eu amava histórias e transformava os potes de tinta em personagens.



Na adolescência, estive perto de um ateliê próprio quando criamos os "QG's" para a gincana do colégio e passávamos dias produzindo naqueles espaços, de fantasias a cenários.

Adulta, em meu apartamento, tive o meu "espaço de criar", que nunca chamei de ateliê. Foi meu *home office* enquanto trabalhei com a minha escrita, mas para mim, criar com tintas ou letras, por diversão ou por trabalho, vale a pena. Na faculdade, através das aulas de artes aprendi ou (por fim) enxerguei que a expressão artística me faz bem, me leva para mais perto de mim mesma. Nessas aulas, esperava aprender apenas como ensinar artes, mas antes, aprendi a fazer, sentir vivenciar a arte para então estabelecer metodologias de ensino, compartilhar e aprender com os alunos.

Foram tantas atividades acadêmicas que me fizeram ir para o "meu espaço" e criar arte em casa. E, orgulhosa, eu compartilhava com meu companheiro as minhas criações. Dentre elas, uma colagem sobre a cor verde nos marcou, porque representa nosso diálogo sobre a Pedagogia que "faz trabalhinhos".



Com a chegada do meu filho, meu espaço de criação voltou a ser um quarto, no qual eu o crio e, com ele crio memórias. Muitas vezes nós criamos juntos e, com o tempo, percebi que por todos esses momentos e cenários, eu levei o ateliê móvel que sou.

Ultimamente, a noite, levo meu ateliê móvel até o sofá da sala e dedico-me alegremente a desatar os "nós" do dia, enquanto rapidamente amarro nós de algodão em uma nova peça de macramê. Esse é o jeito leve que a arte agora reencontrou para se fazer presente nos meus dias.



4. PROPÓSITO

Em 2015, sofri a perda de um jovem amigo. Ele, ainda mais novo do que eu, faleceu repentinamente antes de entrar para a faculdade, antes de escolher um curso e antes de tantas coisas mais... Aquilo me abalou imensamente e passei a seguir a vida no 'automático', afinal, de repente, tudo poderia acabar.

Vivi minha pior fase.

Fiz terapia, me cuidei e busquei uma nova perspectiva para continuar, eu queria, precisava e buscava enxergar um porquê para seguir em frente, para acreditar que valia a pena. Mas não é possível encontrar um propósito fora de nós mesmos, à nossa espera, como um produto na prateleira. É algo que nos encontra, que faz parte de quem somos, é, mesmo que inconscientemente, construído por nós. E eu não conseguia, não tinha isso. Seguia a pequenos passos, com pequenos planos.

Em 2020, meu propósito me alcançou, revelou-se e nasceu, e aí, tudo fez sentido. Todas as coisas ganharam (outras perderam) um motivo, os planos ampliaram-se e, assim, hoje consigo pensar e querer os meus próximos cinco, dez, quinze, vinte anos. A chegada do meu filho, Nicolas, mudou tudo ao mesmo tempo em que, em minha vida, parece que ele sempre existiu.



Saber o que quero é diferente e motivador, mas não de uma maneira que torna tudo positivo e maravilhoso, os desafios continuam, o cansaço bate, mas há uma razão.

Hoje compreendo-me, não de maneira pronta e acabada (afinal, o autoconhecimento é um processo contínuo e infundável), mas, em todas as minhas incompletudes, sinto-me realizada em ter um propósito para as diversas "Jéssicas" que sou e, também, por unir todas elas em uma única, capaz de se apresentar como mulher, mãe, pedagoga.

Definida e decidida a trabalhar com a Educação e em prol da educação, da dignidade, da experiência e do afeto, seja com meu filho ou com meus (futuros) estudantes.

5. CAMINHOS E SONHOS ENTRELAÇADOS

Cursar uma faculdade significava - e significa - muito para mim. Apesar de ser de família pobre, meu pai muito se comprometeu, além do que podia, pela nossa educação. Oriunda de escola particular, sempre fui "treinada" e incentivada a prestar vestibular, e me apropriei desse plano. Mas financeiramente, era inviável sair da minha cidade para estudar em uma universidade federal. Lembro-me de chorar por não ter o valor de cem reais para me inscrever no vestibular da UFMG, e se eu não conseguia pagar o vestibular, como poderia pagar para morar em Belo Horizonte?

Concluí o Ensino Médio e fui trabalhar. Trabalhando pude pagar pelo Curso Técnico e melhorar de emprego, para assim, poder pagar pela faculdade particular.

Cursei um ano de Engenharia para aceitar que o curso e a atuação não eram para mim, não havia arte ali. Não desisti do sonho da graduação e tentei algo maior, algo que fazia meu coração vibrar: minha criatividade. Sem toda a coragem necessária, me lancei em algo com chances de emprego e sustento. Me mudei para Belo Horizonte para cursar Publicidade e Propaganda em uma universidade privada. Ali, meus anseios criativos eram atendidos na mesma medida em que meus questionamentos sociais aumentavam.

A vida acontecia em simultâneo: eu trabalhava em Congonhas, morava e estudava em Belo Horizonte durante a semana e, nos finais de semana morava, tinha amigos, namorava em Conselheiro Lafaiete. A rotina era acordar às 5h, viajar, trabalhar, viajar, estudar, chegar em casa às 23h para fazer "minhas coisinhas", dormir e começar de novo. Eu não dei conta.

O que começou como uma chuva fina, chata e constante, de repente, transformou-se em enchente e levou tudo. Voltei para a casa da minha mãe; desisti da faculdade de Publicidade e Propaganda no primeiro semestre; saí do emprego.

Foram tempos difíceis.

Em uma ascendente, uma retomada de vida, consegui um emprego em uma agência de publicidade - nenhum conhecimento é vão! - e decidi recomeçar o sonho da faculdade. À essa altura, colegas de ensino médio estavam formados.

Senti vergonha, pensei em desistir, mas resisti e lá fui eu novamente, mais um curso, mais uma vez. Depois da experiência profissional com os treinamentos quis tentar a Pedagogia. Obviamente, eu tinha dúvidas, ressalvas e receios, mas deu tudo certo. Quanto mais eu estudava, mais me interessava pelas temáticas, ampliando minha leitura de mundo, ansiando por aprender mais e por fazer mais.

Surgiu a oportunidade de me mudar para Juiz de Fora. Concluir a faculdade era uma prioridade, e faltava dois anos. Mas descobri a oportunidade de transferir o curso para a Universidade Federal de Juiz de Fora e eu, que anos atrás não tinha dinheiro para prestar o vestibular, poderia ser a primeira de minha casa na universidade pública.

Consegui a transferência e quase não acreditei. A "Jéssica do ensino médio" estaria muito, muito realizada. Mas agora, era a turma da Engenharia de Produção se formando. Meses depois, a turma de Publicidade e Propaganda. E eu, pela diferença de grade curricular e carga horária teria pouco mais de dois anos de estudos pela frente.

Desanimei sim, cheguei a trancar um período e pensei em desistir. Encarei outra fase depressiva. Mas superei, continuei. Descobri a gestação, me organizei para o impacto de ser mãe de primeira viagem. Pandemia. Às vezes penso o que mais pode acontecer até o dia da colação de grau, da entrega do diploma - que se aproxima cada vez mais - para me impedir.

Bom, nada. Levei meu tempo, me descobri, me encontrei. Tive experiências que não apenas carrego comigo, mas aplico. E ainda, que eu me forme bem, bem, bem depois do 'esperado', asseguro que concluo uma excelente graduação.

A oportunidade de ampliar meu discurso, minha visão de mundo e meus conhecimentos na universidade é inenarrável. Algumas pessoas dizem que "tinha que ser assim", e se não tinha que ser, ainda bem que foi. Ainda bem que tive o acesso, que tive coragem, que tive forças para continuar, que tive apoio e que, agora, aproximo-me (como nunca) do meu tão sonhado diploma.



6. ARTE E CRIATIVIDADE: OS FIOS QUE ME PERMITEM TECER

Hoje, além de escrever, faço peças de macramê, painéis e peças decorativas que, por hora, enfeitam minha casa e a casa da minha mãe. Para tecer uma peça de macramê não são necessários muitos insumos, talvez uma base, mas sempre: fios.

Carrego como fios a arte e a criatividade, são o que me permite tecer, desfazer e refazer a mim mesma. Esses são os fogos que acendem o meu pavio, são a bússola pela qual me guio em busca da felicidade.

Mas nem sempre foi assim...

Em toda grande mudança da minha vida a arte estava lá, com um papel crucial, mas eu não a deixava ser preponderante. Em minha trajetória, a arte sempre esteve comigo: enquanto criava cartazes, no trabalho com recursos audiovisuais dos treinamentos, no trabalho com redes sociais, na escrita, em tudo. Sempre foi arte.

A arte sempre esteve aqui, mesmo que nunca tenha recebido a permissão para ser protagonista (ainda que fosse uma coadjuvante digna de Oscar). Já a criatividade atua como força motora para tudo: é nela que encontro saída para o tédio, relaxamento para lidar com o estresse. Criar me permite extravasar, acalmar, ao mesmo tempo em que me nutre de vida e vontade de viver, de fazer. Mesmo que sempre as tenha amado, sempre o fiz à margem, visto que, de acordo com o senso comum, a arte é considerada fútil, algo que não cabe na realidade e na rotina de pessoas pobres. Eu, pobre, podia "perder tempo" com isso? Assim, estabeleci por anos uma relação de amor e vergonha com a arte.

Traduzi o que podia, o que cabia como criatividade, mas nunca me pareceu suficiente, eu queria sempre mais. E assim, de forma até mesmo inconsciente, disfarçava o que almejava por detrás do que precisava: aperfeiçoei meu inglês através de filmes, músicas e séries; me destaquei em minha vida profissional desenvolvendo materiais com boa estética e de oratória.

Quando escolhi a Pedagogia, boa parte das pessoas já não se importava em me dar um conselho ou fazer um comentário - afinal, era o terceiro curso superior que eu iniciava - mas quem falava, relacionava essa escolha ao fato de eu gostar de trabalhos manuais e por "gostar de crianças". Nunca considerei "levar jeito" com crianças, sempre dediquei a elas a atenção que merecem como pessoas, como qualquer outra pessoa não-criança.



A (auto)libertação e o empoderamento artístico vieram com as aulas de Fundamentos Teórico- Metodológicos em Artes e claro, com mais conhecimento e um repertório ampliado. Nessas aulas não tive um encontro com algo fora de mim, mas uma revelação do que eu trazia comigo.

Pela primeira vez, arte e criatividade foram convidadas a assumirem o protagonismo, sem constrangimento, sem grandes expectativas artísticas a alcançar, sem anseio pelos resultados, mas sim, pelos processos.

Quero atuar com arte, independente da etapa da educação. Os caminhos que traço, ainda não estão pavimentados, aceitei que as rotas podem ser redefinidas como já foram antes. Seja pela chegada do Nicolas ou pela pandemia de COVID-19. Então, seja ministrando aulas de artes, guiando crianças por uma ateliê, produzindo arte como professora alfabetizadora, enxergando a arte cotidiana com jovens e adultos: a arte vai estar lá guiando a educação. Através dela tanto nos é possível, que seria absurdo permanecer, quiçá por mais trinta anos, guardando-a apenas em mim.

um dos meus blogs



minha primeira tela



minha primeira pintura com o Nicolas



7. MÃE E PEDAGOGA

Desde a ideia desse texto, da estruturação, este tópico está aqui com um lugar reservado (apesar de já ter recebido diferentes títulos). Foram tantas e tantas reescritas, que considereei removê-lo, pensei talvez não estar pronta para explorar uma fase que está em curso, para redigir minhas memórias mais recentes. Mas é essencial! A relação da maternidade com a Pedagogia é fundamental no discurso da Academia e na minha vida.

Em 2020, descobri que estava grávida. A chegada do Nicolas trouxe desafios, novidades, vontades, ideias e, principalmente, um propósito, um motivo para acreditar e tentar. Apesar de ser clichê, existiu uma Jéssica antes da maternidade e há outra depois. Ser mãe, para mim, é a melhor coisa da minha vida enquanto é também a mais difícil.

Difícil significa que não é fácil, que demanda esforço, que demanda estudo. A maternidade ressignificou a minha vida, e claro, tem seus conflitos com a minha formação em Pedagogia.

Na História da Educação está eternizado o estereótipo da visão maternal da docência. Meu materno não entra aqui como indissociável da figura da professora, a quem o instinto maternal é tido como inerente, seja por "ser mulher" ou por ser a docência (sobretudo para crianças pequenas) vista como um "dom". Abordo essa experiência pessoal que é um marco em minha vida profissional e claro, pessoal. Intencionando ou não, o materno e meu foco de estudos na Educação Infantil, convergem para crianças pequenas atualmente. Mas nada, em ambas as áreas, se dá por instinto, seja ele feminino e/ou materno. É, e deve ser, fruto de estudos.

Percebo o estranhamento de algumas pessoas quando digo que estudo algumas questões relacionadas ao meu filho, pois as pessoas deduzem que: I) ser mãe é tomar decisões em algo pautado simples e puramente no próprio instinto e nas orientações médicas; II) por ser pedagoga, eu sei tudo sobre crianças pequenas e III) "filhos de professoras são mais inteligentes", porque suas mães sabem exatamente como agir. Os estudos para materno a partir de uma visão mais atualizada, que considera as informações baseadas em evidências científicas, colabora minha visão profissional, pois aborda o mesmo tema.

A maternidade e suas incontáveis noites mal dormidas, horas dedicadas à



amamentação não cabem no Currículo LATTES e são vistas por muitos como um "atraso para a formação", um empecilho, esta etapa da minha vida trouxe estudos, aprendizados e experiências que contribuem para a profissional que me formo cotidianamente.

Foi um longo caminho, gestar uma vida e gestar-me mãe. Precisei compreender e aceitar que sou mãe e pedagoga. Tal como não serei a mãe de meus (futuros) alunos e alunas, não sou a professora do meu filho. Ainda que eu não saia de um papel para poder executar o outro, não sou obrigada a transformar o quarto do Nicolas em uma sala de aula.

Em alguns momentos, sim, me cobrei estimulá-lo, realizar atividades direcionadas com ele, colocar em prática o que estudo na graduação. Mas, sempre estive alerta para que essa auto cobrança, e não abdiquei de ser mãe para ser professora do meu filho.

Optei pela naturalidade como um caminho do meio: sei que os conhecimentos construídos na formação acadêmica influenciam minhas decisões, minhas ações e até mesmo minhas intervenções, mas não estruturei isso, a todo tempo, de maneira "pedagógica".

Quando necessário, aciono esses saberes intencionalmente, para optar por novos livros, materiais ou brinquedos. Mas, permito que nosso cotidiano seja o nosso cotidiano através do qual ele aprende, convive e experimenta com a própria mãe. E que, quando chegar a hora dele iniciar suas vivências em ambiente escolar, ele tenha a convivência com a professora.





POR FIM, PEDAGOGA! MAS NÃO HÁ GARANTIAS...

Findar a graduação é para mim uma vitória, pelo tempo dedicado, pela minha vontade de fazer, aprender e ser; e ainda assim, é só o começo. Concluo, munida de referenciais teóricos, ou seja, sabendo a quem recorrer, o que buscar; embasada também pelas experiências e vivências através dos estágios; com conhecimentos moldados e testados, construídos nos anos de graduação.

Nas últimas disciplinas cursadas, no contato com os colegas, percebo o quanto **buscamos garantias** de que o que fizermos em sala de aula vai influenciar, impactar, incidir sobre nossos estudantes e gerar mudança. Mas, não há garantias. E cientes disso, não podemos deixar de tentar, de fazer.

Precisamos, ainda na graduação, encontrar nosso propósito para tornarmos capazes de fincar raízes e não nos deixarmos abalar pelos questionamentos, pelas dificuldades, e pelos "fracassos" que virão.

O conhecimento é individual, o interesse em aprender é individual. Portanto não é possível assegurar que vamos alcançar a todos e todas em nossos anseios e objetivos. O que então, somos capazes de garantir?

Garantimos aquilo em que acreditamos, o que fazemos e o porquê de o fazermos. Podemos nos garantir e assegurar a entrega diária dos nossos 100% - que não são sempre iguais, pois somos humanos e falíveis.

Sou formada e formei-me pedagoga reconectada a mim e aos meus valores de **respeito, empatia, senso de justiça e educação**, tanto com a construção de conhecimentos acerca da educação quanto com um propósito: me permitir ser modificada pela educação.

Mais do que aspirar mudar o outro, coloco-me aberta a mudar com a educação: I) com a teoria através do estudo, do conhecimento; II) com a prática através da experiência, do contato com estudantes e outros sujeitos do processo educativo; III) por fim, com a práxis pedagógica e com o contexto social (porque a escola, a sala de aula não é isolada do restante do mundo).



Estar aberta e disposta à mudança é disponibilizar-me a aprender, vivenciar e buscar. Não considero-me pronta e acabada, graduada e dotada do saber, capacitada a "transmiti-lo". Mas, sim, pronta para ampliar, melhorar, rever, atualizar e aprender através da educação: o ato de estudar e o ofício de educar.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Em ordem de aparição:

- Composição com os elementos: Ripped Paper por Canva Creative Studio para Canva.com; Ripped Paper White por Canva Creative Studio para Canva.com; e desenhos (Formanda, flor, ramo) autorais por Jéssica Teles, capa (página 01).
- Trevo de corações estampados por Jéssica Teles, página 02.
- Hand-Painted Playful Watercolor por sketchify para Canva.com, página 03.
- Desenho e Composição Formanda por Jéssica Teles, página 04.
- Fotografia de Marie Christine Josso por Miguel Baltazar (Fonte: <http://direito.webview.pt/imagens/josso.gif>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 06.
- Fotografia de Antônio Nóvoa por Marina Piedade (Fonte: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/625/antonio-novoa-fala-sobre-conteudos-que-devem-ser-prioritarios-na-escola>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 06.
- Fotografia de Mattias Finger por Beat Mathys (Fonte: <https://actu.epfl.ch/news/prof-matthias-finger-joins-the-editorial-board-of-/>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 06.
- Fotografia de Paulo Freire para Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire - RJ (Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/02/24-anos-sem-paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira-e-referencia-internacional>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 07.
- Fotografia de Luciana Ostetto para divulgação de participação no V Seminário Nacional da Educação Infantil da UFGG (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rqhtXeWgGtE>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 07.
- Fotografia de Franco Ferrarotti por Archivio Siciliani (Fonte: <https://www.avvenire.it/agora/pagine/coronavirus-franco-ferrarotti-sociologo>) sobre o fundo Abstract Watercolor Combinaton por sparklestroke para Canva.com, página 10.
- Elemento Brush Stroke Line por Jenzon Lopes de sparklestroke para Canva.com, página 12.
- Desenho Vela acesa por Jéssica Teles, página 13.
- Composição com Ripped Paper por Canva Creative Studio para Canva.com; Ripped Paper White por Canva Creative Studio para Canva.com e folhagem por Jéssica Teles, página 14.

CRÉDITOS DE IMAGENS

- Fotografias de formatura 1998, 2009, 2022 de acervo pessoal e desenhos autorais por Jéssica Teles, página 14.
- Desenho Sonho de Atelier por Jéssica Teles, página 16.
- Desenho Diálogo de Segurança por Jéssica Teles, página 18.
- Desenho Memória de Infância por Jéssica Teles, página 19.
- Colagem sobre a cor verde por Jéssica Teles, página 20.
- Desenho Rascunhos de Macramê por Jéssica Teles, página 21.
- Fotografia Nicolas - acervo pessoal e desenho Nicolas por Jéssica Teles, página 22.
- Composição de fotografias - acervo pessoal, sobre o elemento Hill Path Illustration por Drawcee para Canva.com, página 24.
- Fotografia Painel de Macramê por Jéssica Teles, página 25.
- Composição de fotografias - acervo pessoal, por Jéssica Teles, página 26.
- Composição com fotografia - acervo pessoal, sobre o elemento Abstract Watercolor Combination por sparklestroke para Canva.com, página 27.
- Fotografia - acervo pessoal - e desenhos de formanda por Jéssica Teles, página 28.
- Elemento Hand-Painted Playful Watercolor por sketchify para Canva.com, página 29.
- Composição com fotografia - acervo pessoal - sobres os elementos Random Watercolor Shape por sketchify para Canva.com e Abstract Brush Stroke Watercolor por FathurMutiah para Canva.com, página 29.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, René. *Se former, une interrogation permanente*. Pratiques de formation. n. 7, p. 101-106. jun. 1984.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

OSTETTO, Luciana E. No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se. *Revista Digital do LAV*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 166–191, 2018. DOI: 10.5902/1983734833904. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/33904>. Acesso em: 29 jun. 2022.

OSTETTO. Luciana; KOLB-BERNARDES. Rosvita. *Arte na Educação Infantil: Pesquisa, experimentação e ampliação de repertórios*. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 40-52, maio/ago. 2016.

VIVER sem tempos mortos. Direção de Felipe Hirsch. *Intérpretes: Por Fernanda Montenegro*. Rio de Janeiro: Projeto Caminhos da Liberdade, 2009. (70 min.), P&B. Texto a partir das correspondências de Simone de Beauvoir para Jean-Paul Sartre.